

MILHA 12

GAZETA COOLTURAL DE GENTE LIVRE

Ano 2023
Número: zero
Preço: 5 milhas
Data: 5/06/2023



"Longe do ponto de partida e ainda mais longe do ponto de chegada."



Os marcos miliários são monumentos que marcavam as vias romanas ao longo das quais eram colocados, indicando as milhas, isto é, os mil passos romanos que os separavam entre si e sempre dedicados ao Imperador em funções.

Feitos de pedra, estes marcos têm dimensões e feitios variáveis e, na base, indicam o número da milha em questão.

Retirado do seu local de origem, o marco miliário de Oliveira de Azeméis é feito em granito, com uma altura de 165 cm e 40 cm de diâmetro e tem na sua base inscrito em romano: "Tibério César Augusto, filho do divino Augusto, Pontífice Máximo, no ano 25 do seu poder tribunício. Milha 12".

O Milha XII já teve diversas localizações, encontrando-se hoje exposto no largo próximo da Igreja Matriz. Este marco assinala a Milha XII até Langobriga (Civitas na zona de Fiães, Santa Maria da Feira) e provavelmente a Milha LX da via militar do Itinerário XVI entre Braga e Lisboa, e terá sido erguido durante o domínio do imperador Tibério, entre os anos 23 e 25 da nossa era.

Foi encontrado na freguesia de Ul, nos trabalhos de demolição dos alicerces da antiga Igreja de Santa Maria de Ul e transportado para a cidade de Oliveira de Azeméis. Está, contudo, relegado para segundo plano, sem que lhe esteja a ser dada a devida importância, sobretudo num ano em que comemora os seus 2000 anos e deveria ser homenageado enquanto achado arqueológico.

À semelhança dos vários rumos de um império que muito contribuiu para o desenvolvimento do que historicamente é conhecido por civilização romana, os caminhos romanos iam todos dar a um único sítio: ao centro de um império com grandes referências culturais em variadíssimos campos artísticos como a Arquitetura, a Literatura, a Pintura, a Escultura, a Música, as Artes Decorativas e Performativas. Por esta razão, também esta gazeta pretende caminhar diversos percursos em prol da promoção e desenvolvimento cultural.

Este é o nosso compromisso; esta é a razão pela qual foi escolhido este monumento para dar voz a esta publicação, que se pretende que seja um projeto aberto, embora regulado, e que à semelhança do império romano possa marcar uma expansiva rede de comunicação entre todos. Enquanto valioso contributo à criação de debates, pensamentos, sugestões e ideias a respeito de alguns temas da vida social quotidiana, o Milha XII almeja deixar o legado de reunificar o império das artes, num exercício "*jus naturale*" em que o ser humano é por natureza o portador de direitos que merecem e devem ser lembrados e respeitados.

Fontes: https://www.cm-oaz.pt/oliveira_de_azemeis.1/freguesias.42/oliveira_de_azemeis.54/marco_miliario_a3129.html

Paula Sousa

Longos são os caminhos



Ilustração: Paulo Monteiro

Cartas a Margarida (Há fogo na TV)

Nota: “A lã e a Neve” foi publicada em 1947 e entre outros assuntos aborda a transumância humana física e psicológica de Horácio, o herói e anti-herói representativo dos cidadãos pobres da Beira Interior, cujos sonhos, por força das circunstâncias sociais, vão sendo postergados.:

Por: Paula Sousa

Oliveira de Azeméis, 2022

Minha querida amiga Margarida,

Hoje é um dia particularmente difícil para mim e a tristeza invadiu-me tempestivamente corroendo-me a alma.

Nunca imaginei que em 2022 estivesse a assistir ao episódio que escrevi em 1947, no meu romance “A lã e a neve”.

Creio que já lhe enviei um exemplar autografado e julgo que até já conversámos sobre ele, mas caso eu esteja equivocado, por favor diga-me que eu repararei imediatamente esta minha falha.

Pois bem, hoje ao ligar a tv e ao ver toda aquela parafernália sensacionalista, bem como o excessivo destaque, de mais de 40 min., dado pelos jornalistas à calamidade que é os incêndios florestais, não consegui evitar recordar-me das palavras ditas a Horácio:

- “Talvez eu saiba como podes ganhar dinheiro...”

Horácio voltou-se, surpreendido, para ele:

- “Como?”

(...)

- “É uma coisa simples... A questão é tu queres. É com as florestas... Em volta de Manteigas já não há um único pasto, como sabes. Todas as florestas estão cheias do Governo e não se vêem senão árvores. (...) Se se puser fogo em dois ou três lugares na mesma tarde, eles não podem acudir a toda a parte. Acodem ao que virem primeiro. Mas o primeiro seria só para os chamar para lá. O segundo é que seria a sério. Três ou quatro homens lançavam fogo, de ponta a ponta, a uma floresta e, com vento de feição, aquilo ia num instante. Quando os outros voltassem do primeiro incêndio, além de estarem cansados, já seria tarde. Um fogo seguido, ninguém o podia apagar... E no ano seguinte já haveria pastos com fartura e tenrinhos perto da vila. Com duas ou três florestas queimadas, cada qual podia criar mais ovelhas. (...)”

Em Horácio desaparecera o entusiasmo inicial:

- “Então eu seria um dos que ...”

- “Se quisesse. Receberias cinco notas da primeira vez. E mais cinco de cada outra vez, se se tornasse a fazer.”

Como é possível, querida Margarida, que volvidos 75 anos desta minha chamada de atenção, ainda se continue a ganhar dinheiro à custa da irradiação do nosso bem precioso que nos dá o oxigénio indispensável à sobrevivência das espécies?

Sinto-me desolado e sem forças para continuar a apontar o dedo às feridas que nos apodrecem enquanto nação de valor. Sei que este meu desabafo não irá produzir efeito. Aliás como poderia ser diferente agora, se ao longo destes 75 anos quase nada foi feito para contrariar este atentado contra a Vida!?

Fala-se tanto em “criminalização”... Enchem-se as bocas de verborreias, indicam-se os nomes bonitos de “crime ambiental, ou “crime lesa-natureza”, ou ainda “climaticídio” (termo em voga pelos mais jovens). Mas vai-se a ver e nada! Não passam de palavras escritas em artigos de uma lei que foi alterada na Lei nº56/2011 de 15 de novembro ou de palavras vãs que ficam bem serem ditas em entrevistas e debates. Por tudo isto, pergunto-me:

Para quando uma política musculada (outro termo em moda) e mão pesada contra aqueles que ganham diretamente com este ato hediondo de anticivismo?

Não deveria a Tv portuguesa contrariar o destaque dado a pirómanos que colocam em risco a vida de todos, fazendo um exercício de verdadeiro serviço público anti sensacionalista exacerbado e reduzir os 40 min de agonia em 5 min de notícias que merecem a pena ser divulgadas?

Serei eu que espero demais de um governo, que supostamente nos deveria governar e orientar?

Lamento muito que lhe escreva aborrecendo-a com este assunto, mas a minha indignação falou mais alto e era imperioso que lhe enviasse esta missiva. O meu bem-haja por isso, querida amiga Margarida.

Sou grato por ser minha secreta confidente.

O seu admirador de sempre

J.M. Ferreira de Castro



Texto e fotografia: José Brandão

Desta varanda (p mão de outra!)

*Hoje, mandaste-me ver o mar
Daqui, deste balcão
E sentir como é bom a mar
Quando pegas na minha mão!*

*Donde estou vejo o infinito
O que te conto não é mito
Não é coisa de pessoas isoladas
Mas de almas acovilhadas!*

*As ondas vão e vêm
Nem por minutos se contêm
E este vai-vem incessante
É para a mente estruturante!*

*Esta-se bem nesta morrinha
Nesta hora matinal
Ah! Mas a tua mão na minha
Torna o momento Especial!*

*Faradour, 28 julho 22
20' julho*

PEQUENO DUVIDÁRIO JURÍDICO

Por Cipião de Oliveira

Acórdão - É quando o despertador toca muito alto?

Apelo - Com ou sem agravo?

Carta rogatória - Envia-se à N. Sra. Fátima?

Certificado digital - Como emoldurar?

Cúmulo jurídico - A situação a que chegou a Justiça?

Custas judiciais - São à moda do Porto?

Diligência Judicial - Transportava os juízes?

Efeito suspensivo - É coisa de malabaristas?

Embargo - É sempre "sem"?

Execução judicial - Abate de juízes?

Facto gerador - Coito completo? Inseminação artificial?

Foro - Não eram (juízes) de fora?

Meios de prova - Flute, balão, copo de três?

Pena suspensa - Ou voadora? De ganso? De pomba?

Providência cautelar - Anda à roda à 5a. Feira.

Recurso - Ou revisão de provas?

Transito em julgado - Vem no código da estrada?

Usuca(m)pião - Do nacional? Da champions?



Ilustração: Paulo Monteiro

A EXCURSÃO A MOSCÓVIA

O chefe gritou:

- Tovarishchi! Bora lá para a esplanada da Praça Vermelha. Há caviar e vodka (da boa!) para todos! Quem quiser com laranja que vá num instante à Ucrânia apanhá-las!

Os camaradas atiraram as armas para o lado, despiram os dolmens (estava calor naquela manhã, no Donets e, ainda mais, dentro dos camiões) e começaram a entrar nos transportes.

- Nã, nã, nã! Nada disso! Não ouviram o Morcon: “Trabalho é trabalho, conhaque é conhaque!” E ainda há trabalho para fazer. Toca a fardar. Equipamento de combate completo!

- Porquê? Perguntou um soldado, ainda imberbe, recém-saído de um qualquer gulag siberiano, ainda pouco habituado às idiossincrasias do grupo Wagner.

- Porquê?! Eu digo-te o “porquê”! Aqui quem faz perguntas sou eu!

Rapou da Simonov e acertou um tiro na testa do inquiridor.

O restante pessoal não ligou e lá subiu para as camionetas, para os tanques e toca a andar, estrada fora rumo a Moscovo.

Primeira paragem em Rostov-do-Don para cumprimentar as autoridades, um primeiro vodka laranja com muito gelo (a manhã estava cada vez mais quente) e apanhar o fresco do rio.

Entre dois vodcas, Perigoxin (parece nome de remédio, mas não é; é mesmo nome de doença!) perguntou-se:

- E os objetivos? Quais são os objetivos?

Pegou no telemóvel e resolveu consultar quem sabe disso. Nada melhor que a Mariana Mete-água.

Alô Mariana! aqui Perigoxin. Sim o de Bakmut, Mariopol, etc. Estás a ver? Olha, vamos para Moscovo e tenho aqui um gajo, que fez Erasmus no ISCTE, que não pára de me atazanar o juízo com aquilo da “Visão”, “Missão”, “Valores”, “Objetivos”.

Talvez me possas ajudar com isso. Eu já avancei alguma coisa. Isso dos “Valores”, quando chegar a Moscovo resolvo com Banco da Rússia. Se estiver vazio, trato noutro banco qualquer.

Quanto à “Visão” já estamos todos equipados com óculos de visão noturna. Não são grande coisa. Aquele coirão do Choigunço compra o material para nós nas promoções do Lidl ou no OLX. Sobre a “Missão”, também já estamos habituados. Têm aparecido algumas (católicas, evangelistas, etc.) por África nas nossas operações e tratamos daquilo que é uma limpeza. Mas, agora, com os “objetivos” é que estou um bocado à rasca. Como és professora aí no ISCTE talvez me possas ajudar...

-Objetivos? – disse a mariana – isso é fácil, até temos, agora, uns novos, da última convenção: “Uma vida boa!”

- “Uma vida boa!”... Isso é porreiro. Bem visto. Obrigado, Mariana. Se quiseres aparece, por estes dias, por Moscovo. Há vodka (da boa!) e caviar (do caro!). Traz as tostas, por favor.

“Ora, isto falar é com quem sabe. Com que então “Uma vida boa”... mas espera... ela não disse como se consegue isso... vou ligar outra vez” pensou o líder, arrotando grosso.

E ligou três vezes. Mas nunca conseguiu contacto. Chateado, atirou o telemóvel para cima da mesa.

- Ó Smirnof, na segunda-feira (no fim de semana está tudo fechado) cancela o contrato com a Vodafonix e arranja-me um operador de jeito. E aproveita e pede mais megas. Vejo-me à rasca para conseguir ver uns vídeos no Pornhub, para aquecimento, se me entendes?...

Mas a pergunta continuava... “Como atingir os objetivos?”

Ligou outra vez. Atenderam. Mas não era a Mariana. Era o Loucachoco, da Bielorrússia.

“Tenho mesmo que mudar de operadora, isto é humidade nas linhas ou linhas trocadas” – disse para si próprio.

- Loucachoco! É o Perogoxin. Se calhar até me podes ajudar a resolver um problema. Olha, como é que se consegue “uma vida boa”?

- Perigoxin, isso é comigo! Vens para aqui. Tenho até uma dacha disponível na margem de um lago. Descansas dos massacres, vais à pesca. Há um barquito. Posso dispensar-te umas georgianas para os tempos livres e stock de azulinhas, se necessitares... (e piscou o olho do outro lado da linha, mas o Perigoxin não percebeu)

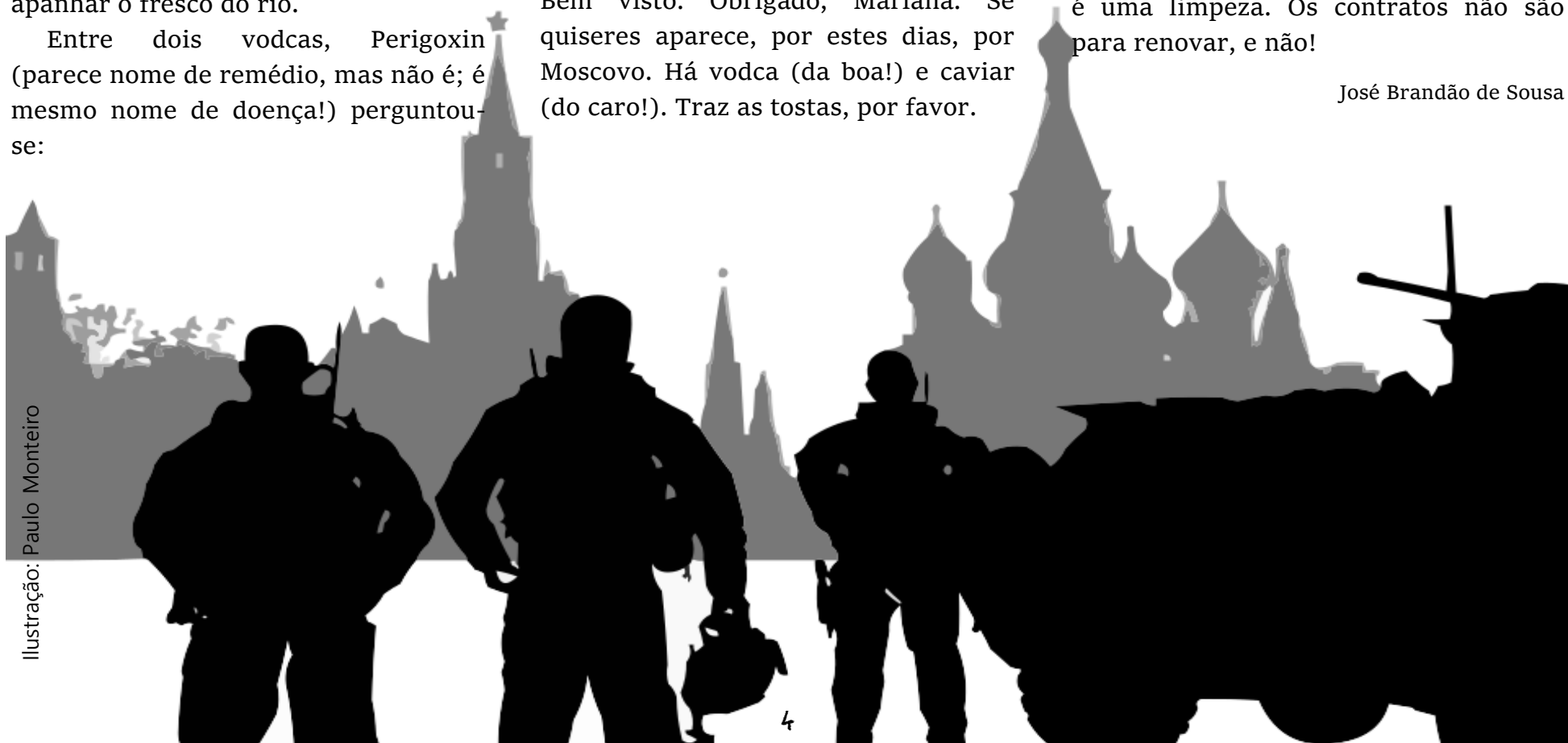
- É pá, isso parece porreiro! Mas... e o meu pessoal!

- Isso eu resolvo. O Putinx faz-lhes uns contratos a prazo para todos, aí por seis meses, e fica tudo resolvido.

- Sim tá bem! Mas depois...

- Depois? Depois isso já é com o cómico de Kiev. Ele trata do assunto que é uma limpeza. Os contratos não são para renovar, e não!

José Brandão de Sousa



Milhadoze

Compreendi então, na milhadoze, junto ao riacho pequenino, entre os arbustos ressequidos, a oculta lentidão dos meus passos. Tinha partido de *Aeminium* uns dias antes, ao fim da manhã, deambulando entre as árvores, ao longo do rio Munda. Nenhum vizinho mais seco, de palavra azeda, se atreveu então a incomodar-me; a tentar adivinhar, qual carpideira, as minhas dores de dentes. A dar força à minha sina adversa, e à da minha família arruinada e perdida, até eu perder o fôlego. Nenhum de nós queria manter a zanga e os desentendimentos. Também me acautelei no dia da partida, evitando os dias aziagos, os pontapés na barriga durante a minha fuga premeditada. Tapei o rosto, agradecido aos deuses e aos lares; muni-me, cruces canhoto, de amuletos para me defender das desventuras e do mau-olhado. Estava preparado para a viagem longa, até Ul, onde vivia o meu tio padeiro. Antonino, meu parente saudoso, entendia-me, não tinha receios, sem gritos, com a sua ronha e as suas ideias fixas. Tinha a convicção de que o meu tio padeiro, história ouvida, me iria acudir, tirar-me da miséria. Sem inveja e sem calúnias, no meio da fornalha, mesmo que eu sentisse as brasas a queimar-me os miolos. Eu conseguiria olhá-lo de frente, ao meu tio Antonino, contar-lhe as desgraças que se abateram sobre nós, os seus parentes mais próximos, antes de irmos desta para melhor.

Com dores nos pés, calcorreando a calçada pouco aveludada, bocados de pedra e de cascalho, fiz-me a caminho de Ul. Passei pela Pedrulha, por Adémia e Fornos, antes de chegar, doze milhas a norte de *Aeminium*, escorregando nas pedras com esta chuva primaveril, à Mealhada. Era um fim de tarde molhado. Banhado de suor, lembro-me desse primeiro repouso, quando me vi rodeado de bácoros muito pequeninos, barulhentos. Cheguei corado, agarrado às pernas, aos tornozelos doridos, à minha primeira paragem no caminho de Ul. Comi uma bucha, esfomeado, enquanto recordava, à sombra de uma oliveira, as minhas leituras antigas de Marco Terêncio Varrão. Da sua natureza arreigada de amor ao próximo, do seu tratado sobre as coisas rústicas do campo.

Precisava urgentemente do melhor trigo e centeio para cozer o meu pão quando voltasse a *Aeminium*, para, contornando a desgraça, sem perder mais tempo, evitar a falência da casa de meu pai. Não sendo um vadio, invoquei Tarquínia na Mealhada.



Repeti nove vezes a mesma prece, cusbindo no chão, para que Tarquínia me curasse os pés; para que, deixando o mal na terra, mantivesse o seu bem-estar, ainda que ensopados de sangue. Estavam bem encardidos os meus pés. Ritual cumprido, lavados os pés e apertadas as sandálias, ainda faltava muito para chegar aos moinhos do meu tio padeiro.

Sem delongas, voltei a pôr-me a caminho pela calçada que seguia a campanha rápida e feliz de Brutus até ao rio do esquecimento. Era maio e o tempo estava ameno, ajudando a subir esta ravina aqui, aquele barranco acolá, a transpor córregos e a calcorrear lugarejos com poucas mulheres e crianças à porta das casas sem janelas. Como esta gente era sossegada e pacífica, pensei, tão diferente dos montanhese brutos, esbraseados nos olhos sorrateiros, traiçoeiros, com quem me deparei quando, um dia aziago, subi o Duma ao amanhecer. Cinco ou seis facínoras montanhese, a cheirar mal nos seus cabelos sebáceos, fétidos e fedorentos, tentaram prostrar-me, matando-me traiçoeiramente numa das encruzilhadas da montanha. Não me valessem os amuletos e teria ocorrido a minha derradeira desgraça. Agora, a caminho de Ul, abençoando os amuletos que trazia na bolsa, misturados com restos de comida azeda, quando a chuva, inesperada e agoirenta, caiu a potes, deparei, afortunado, com uma casinhola a um pé da calçada, com o seu telheiro abrigado a dar acolhimento. Uma visão de catástrofe: que o céu de chumbo nunca me caísse em cima da cabeça, de chofre, como temiam os gauleses!...

Continua »

Estafado com a longa caminhada, dois, três dias mal dormidos, deparei com outro marco da milha doze. Perto corria um riacho insignificante, minúsculo quando comparado com o meu Munda deslumbrante. Felizmente, não precisei de esfregar os olhos: o meu latim reconheceu nas indicações da pedra cilíndrica a proximidade dos moinhos do meu tio padeiro. No cilindro de granito, quase da minha altura, estava gravado o nome de Tibério, o novo pontífice máximo, o enteado do divino Augusto, por quem abandonei Roma para vir residir em *Aeminium*, junto ao fórum. ...

Deixei Roma acompanhando os meus pais, cinco anos antes de Octávio morrer, dizem que envenenado, e ser sepultado na minha cidade eterna. De Tibério contam alguns que, ao contrário de Augusto, nunca terá aspirado suceder ao padraço como o segundo imperador de Roma. Plínio, *o Velho*, o conhecido gramático, recordando a existência de Tibério e não fazendo caso de todas as suas conquistas e glórias na Panónia ou na Germânia, chamou-lhe *tristissimus hominum*. A morte do filho Druso, consta que envenenado pela perfídia de Livila, a mulher infiel, destroçou o coração de Tibério. Amargurado e alquebrado, com mais de sessenta anos, Tibério retirou-se para a ilha de Capri. Nunca mais deixou a bela ilha do golfo de Nápoles. Por essa altura, o marco da milha doze já tinha sido colocado em Ul, anunciando os doze mil pés de distância que faltavam ainda para chegar à *civitatis de Langobriga*, a caminho de Cale.

O lugarejo onde vivia o meu tio, com os seus moinhos junto ao rio, era constituído por uma dúzia de casas rústicas, pedra em cima de pedra, modestas como os camponeses e os pastores que nunca as tinham deixado, tiritando de frio no inverno, escaldados de calor no verão. Encontrei o tio Antonino junto a um dos seus moinhos. Umpria-se a tarde soalheira. A minha viagem estava a chegar ao fim. Ao contrário do irmão gémeo, meu pai enrugado e severo, Antonino parecia não ter envelhecido. Vestia uma túnica branca como a farinha, por baixo de uma toga que, sem pretensões, o distinguia dos seus sombrios vizinhos. Abraçamo-nos, comovidos. Antonino fez circular entre nós o mesmo copo de um bom vinho da terra. Conte-lhe as minúcias das minhas desgraças. Os fiados por perdoar. Valia a pena praguejar, sabendo nós que o palavrão não chegaria inteiro às orelhas dos credores? O meu tio Antonino, prudente como sempre, aconselhou-me a não fazer cenas. Palavras para quê: os seus cereais, que produziam um dos melhores pães do império, iriam recompor-me quando regressasse a *Aeminium*. Ao ouvido, meu tio segredou-me o vaticínio de um oráculo. Claro que eu já sabia ao que Antonino se referia: por mil anos que vivesse, aquele pão duraria a eternidade... Eu compreendi-o, agradecido pelo fim da má sorte.

Rui Gomes

Podés dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?

Isso depende muito de para onde queres ir - respondeu o gato.

Preocupa-me pouco aonde ir - disse Alice.

Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas - replicou o gato.

CARROLL, L., Alice no País das Maravilhas, 1865

PERCURSOS

Há quem diga que à nascença
Temos o destino traçado.
A estes, ninguém os convença
Que não vão cumprir o seu fado.

Nos dias treze de cada mês
Anda o diabo à solta...
Por isso é que, de quando em vez,
O tal destino dá a volta.

Se saímos marcados do ninho,
Pouco temos para escolher...
Vamos seguindo o caminho
Que nos deram para percorrer.

Será destino ou maldição
Tal estigma tão redutor,
Que põe á prova a nossa ambição,
De não sair do trilho por pudor.

Meu caminho é minha opção.
Sempre decidi o que eu quis.
Faço-o usando a razão,
Porque o que quero é ser feliz!

Helena Terra



Ilustração: Paulo Monteiro

TRIBUTO AO CAFÉ (I)

Eu amo café. Preto, curto, “expresso”... Ou qualquer outro tipo de café se o “expresso” não estiver disponível, desde que seja preto. Lembro-me que no final dos anos 80, quando estava em Londres para um curso de formação, não consegui encontrar um lugar onde pudesse tomar um “expresso”. Acho que naquela época os Starbucks, Seattle desta vida ainda não existiam em Londres. Então me tornei cliente regular de uma cafeteria que servia café turco. E na falta de um café “melhor” começo a beber aquela água quente preta não filtrada e a fingir que estava a saborear o mais delicioso Cimbalino (aqui uma nota a explicar que o Cimbalino vem de La Cimbali uma das primeiras marcas de máquinas de expresso que chegaram à cidade do Porto; e o produto (expresso) recebeu o nome da marca da máquina).

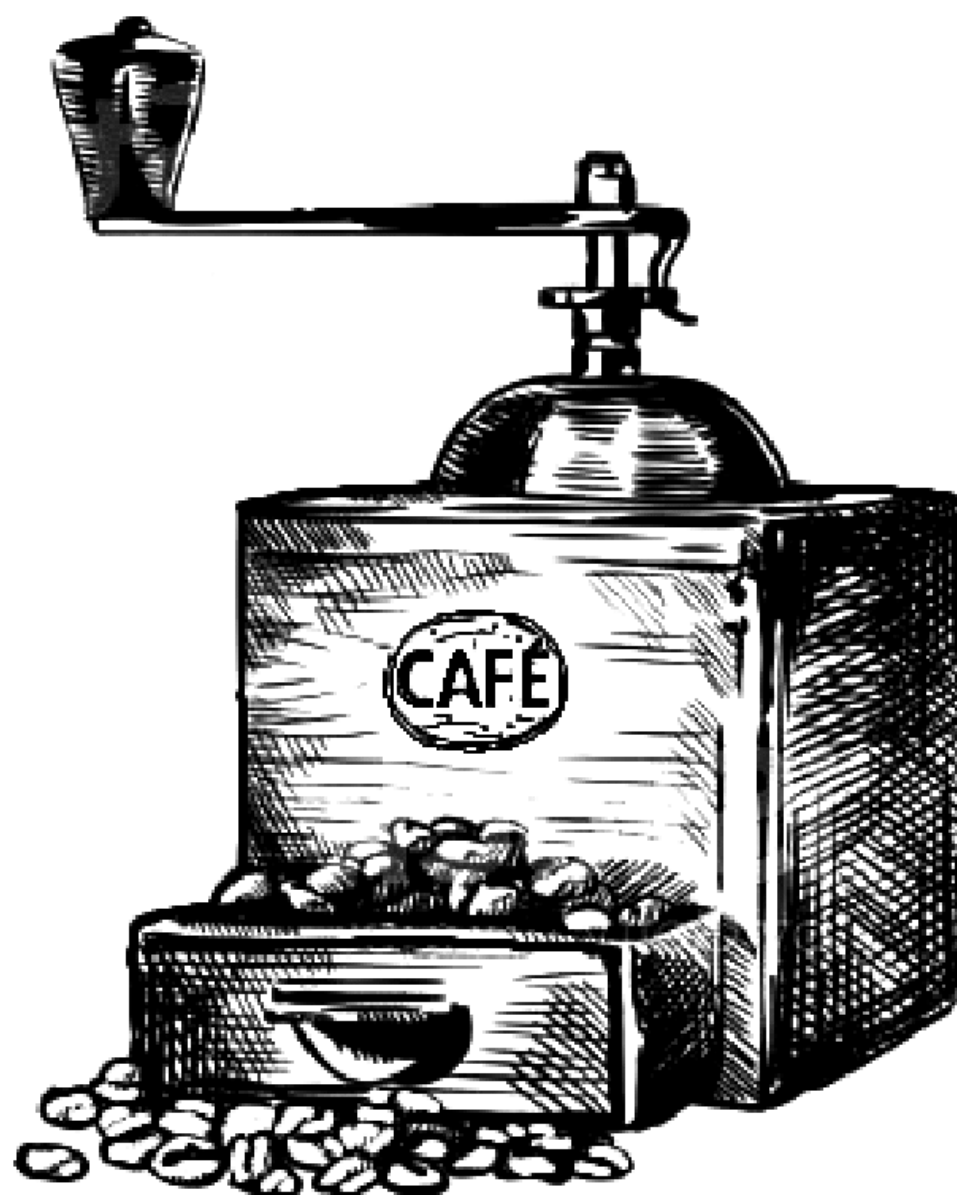
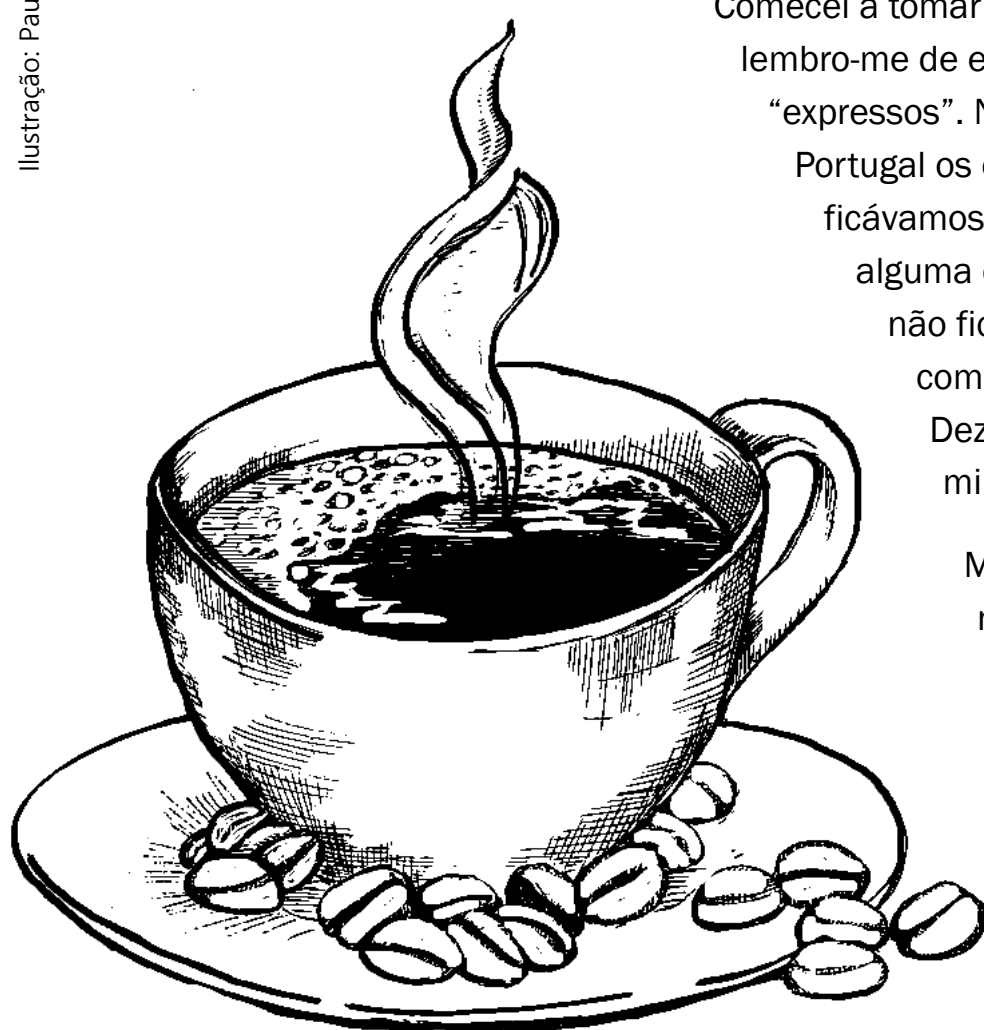


Ilustração: Paulo Monteiro



Comecei a tomar café muito cedo. Não me lembro com que idade. Mas lembro-me de estar no liceu e na universidade e de beber muitos “expressos”. Nessa altura (início dos anos 70) era muito popular em Portugal os estudantes juntarem-se nos cafés para estudar. E ficávamos por lá durante horas. Tínhamos de fazer alguma despesa alguma coisa de vez em quando, caso contrário o gerente do café não ficaria nada satisfeito. E a coisa mais barata para comprar com a sempre curta mesada de estudante era um “expresso”. Dez expressos por dia tornaram-se algo não incomum para mim naquela época...

Mas essa não foi a única razão pela qual eu bebo café. Ainda na universidade eu bebia café ou vinho antes das provas. Pelo que me lembro, os testes, geralmente, aconteciam depois do almoço. Se o teste fosse algo que precisasse de uma mente clara e afiada como matemática, física, eu bebia café antes dele. Mas se fosse algo mais criativo como comportamento organizacional ou sociologia eu bebia um copo (ou dois!) de vinho ao almoço.

Em ambos os casos, geralmente, com bons resultados.

José Brandão de Sousa

Dar corda ao lápis é urgente!

O tempo, hoje, é curto. O ser humano é convocado constantemente, à participação social, à partilha, à presença, ao testemunho, à crítica, mas nem sempre participa, ou partilha, ou critica. O tempo escasseia e o indivíduo tenta libertar-se desta esteira rolante na qual todos estamos confortavelmente colados. Compreendo que se tenha pressa e ao mesmo tempo se busque uma maneira de desconectar desse ritmo acelerado da vida moderna.

A sensação de estar constantemente ocupado e conectado pode ser avassaladora às vezes. Permita-se a ajuda oferecendo-se uma pequena pausa por meio de uma atividade simples, como dar corda a um lápis. Dar corda a um lápis pode ser um ato simbólico de desacelerar e encontrar um momento de tranquilidade. E basta, para isso, apenas seguir estes 5 pequenos passos:

1. Encontre um lápis que precise ser apontado.
2. Segure o lápis entre as mãos e sinta a sua forma e textura.
3. Comece a girar lentamente o lápis num movimento circular, como se estivesse dando corda num brinquedo antigo.
4. Concentre-se nesse ato simples e descontrai o punho enquanto dá corda ao lápis e deixe-o navegar livremente pela folha de papel.
5. Se surgirem pensamentos ou preocupações, observe-os e aproveite-os para os passar para a ponta do lápis. Quem sabe não há uma artista em si.

Continue girando o lápis até se sentir satisfeito com a epifania que criou para si mesmo. Essa atividade pode servir como uma breve pausa para a sua mente, permitindo que você se desconecte das demandas diárias. É importante reservar um tempo para si, mesmo que seja apenas por alguns minutos, para recarregar e relaxar.

Lembre-se de que encontrar um equilíbrio entre o envolvimento social e o cuidado pessoal é essencial para o bem-estar. Portanto, sempre que possível, dedique um tempo para se desconectar, cuidar de si mesmo e recarregar as suas energias.

Paulo Monteiro, junho 2023



Ilustração: Paulo Monteiro

FICHA TÉCNICA

Periódico trimestral Local

DIRETÓRIO COLETIVO

José Brandão de Sousa | Paulo Monteiro | Paula Sousa

MORADA -

EDIÇÃO -

COLABORADORES PREVISTOS

José Brandão de Sousa | Paula Sousa | Paulo Monteiro | Rui Gomes |

IMPRESSÃO -

Gazeta Milha 12

Estatuto Editorial

Preâmbulo

O **Milha 12** é uma publicação periódica de relevante cariz cultural, que se constitui como um espaço de opinião, livre, de todos e para todos. A linguagem nela contida deve ser clara, não ofensiva e de respeito mútuo entre escritor e leitor. Não serão por isso considerados todos e quaisquer textos que possam conter obscenidades ou ataques pessoais que se constituam como violência gratuita ou passíveis de incitamento à violação dos direitos consagrados na Constituição Portuguesa.

1. Objetivos

Tudo quanto será publicado, deve partir de uma noção de relevância: o que o público considera importante, seja em âmbito local, nacional ou internacional, com a "missão" de contribuir para o desenvolvimento cultural do público em geral, através da promoção e divulgação de ideias e opiniões.

2. Direitos e deveres

- O **Milha 12** orienta-se por padrões de ética e idoneidade através:
- do direito reservado de combater a censura e o sensacionalismo e considerar a acusação sem provas e o plágio como crimes;
- do dever de rejeitar o tratamento discriminatório das pessoas em função da ascendência, cor, etnia, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social, idade, sexo, género ou orientação sexual;
- do direito de fazer uso do contraditório;

Para cumprir os objetivos a que se propõe, no **Milha XII**, serão observados os seguintes princípios gerais de política editorial e normas de publicação:

3. Finalidade

Estas instruções foram escritas com a finalidade de o ajudar a preparar o seu trabalho para o **Milha 12**. O seu objetivo é assegurar que os textos publicados tenham o aspeto gráfico pretendido pela equipa coordenadora desta publicação e possam passar pelas fases de pré-impressão e impressão de forma rápida e eficiente.

Assim, todos os documentos devem ser entregues em formato digital, para o email milhadoze@gmail.com, segundo as normas a seguir indicadas, quer para o texto, quer para as figuras, conforme disposto nos pontos 5 a 10.

4. Atividade

Toda a atividade do **Milha 12** desenvolver-se-á nos domínios cultural, artístico, científico e pedagógico-didático com vista à edição e produção textual que representem e se constituam como uma mais valia no desenvolvimento social do leitor. Os textos a editar chegarão ao **Milha 12** através de solicitação direta ou por convite a autores para a escrita de textos temáticos. Os textos não devem exceder os 1500 caracteres.

5. Prioridade

Constituem-se como prioridade todos os textos que afloram conteúdos ou se baseiam em factos, acontecimentos, eventos locais e regionais, de cariz cultural e com relevância social.

6. Publicação

As edições do **Milha 12** são publicadas em acesso aberto e estão sujeitas ao estabelecimento de preço por forma a ser rentabilizada e ter em consideração as condições do mercado livreiro específico. Para tal, serão procuradas as melhores formas de distribuição e comercialização (protocolos, contratos, parcerias e/ou distribuição direta). As edições serão em Língua Portuguesa, devendo seguir o acordo ortográfico de 1990, (excetuando-se quando o autor do texto deliberadamente assim o não entender) salvo se a utilização de qualquer Língua Estrangeira estiver relacionada com o conteúdo do texto escrito e se configure como impreterível e essencial para o mesmo.

7. Organização do documento

Os textos (prefácio, introdução, capítulos individuais e referências) e as figuras (gráficos, equações matemáticas, fotos, desenhos, tabelas, etc.) devem ser gravados individualmente e enviados por "partes", separados de forma perceptível de modo a que, seja fácil fazer corresponder o texto e as figuras. As figuras, não devem ultrapassar a «mancha» horizontal do formato A3 e devem estar numeradas pela ordem em que surgem no texto, bem como apresentar as respetivas legendas e créditos autorais.

8. Documento

No **Milha 12** serão publicados todos os tipos de texto (poesia, crónica, conto, artigo de opinião, comentário, entrevista,...) e todos os géneros e subgéneros textuais (narrativa, descrição, argumentação, explicação e diálogo).

Os originais devem ser apresentados em Microsoft Word e enviados para o email milhadoze@gmail.com (até 15 dias antes da publicação) em formato A4 (Largura - 170mm; Altura - 240mm; Mancha útil: Largura - 122mm; Altura - 195mm); Margens: 25 mm (superior) e 24 mm (esquerda e direita); 22mm inferior.

9. Formato do Texto

O texto deve apresentar as seguintes configurações: Tipo de Letra (fonte): Arial, tamanho 12pt. Os títulos dos capítulos devem ser apresentados em Arial bold, tamanho 14pt, espaçamento entre caracteres 10pt, com alinhamento justificado. Os subtítulos, na mesma fonte, tamanho 10pt e alinhados à esquerda ou centrado. As fontes dos textos poderão sofrer alterações durante a edição para publicação.

10. Qualidade das imagens e grafismos

Qualquer elemento gráfico que faça parte de um texto ou constitua por si um contributo isolado como: fotografia, desenho, pintura ou pictograma deve ser enviado separadamente do texto em ficheiro próprio com uma qualidade e resolução igual ou superior a 300 dpi e em formato PNG ou JPG identificando o autor e eventualmente, se necessário, a respetiva legenda.

11. Princípios

O **Milha 12** deve pautar os seus textos pelos princípios de: liberdade, equidade, Independência, Transparência, Lealdade pelos leitores e Ética Moral e Religiosa. Sempre que um texto é suscetível de interpretações antagónicas, deve o **Milha 12** fazer constar todos os pontos de vista, que até ele chegarem.

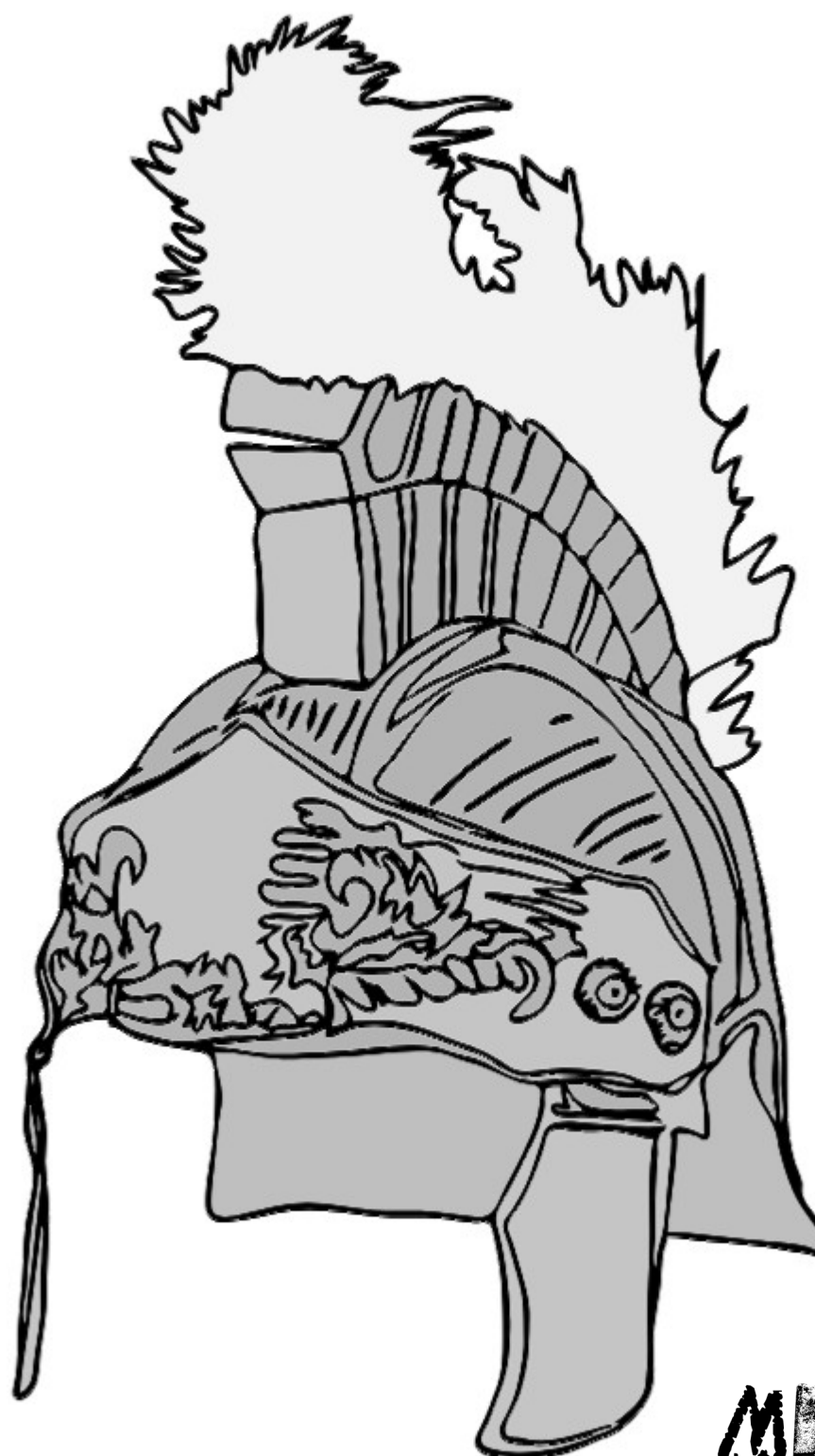


Ilustração: Paulo Monteiro

TIBÉRIO

um cortador de fitas

O marco miliário Milha XII terá sido erigido entre 23 d.c. e 24 d.c. em pleno reinado de Tibério Cláudio Nero César que foi o segundo imperador de Roma pertencente à dinastia Júlio-claudiana. Foi imperador com a idade de 56 anos, reinando desde a morte do seu padraсто Augusto em 14 d.C. até ao ano do seu desaparecimento.

Era filho de um anterior casamento de Lúvia, terceira mulher de Augusto. Após a queda da República, Augusto (*Imperator Caesar Divi Filius Augustus*) governa o Império Romano de 27 a.C. até 14 d.C. Durante o seu reinado, várias obras públicas foram realizadas em Roma e em outras partes do império. Ele promoveu um programa de revitalização de Roma e incentivou o apoio aos artistas. Durante a sua governação, foram construídas estradas, aquedutos, banhos públicos e outros edifícios importantes em várias regiões do império. Essas construções serviram tanto para melhorar a infraestrutura quanto para consolidar o poder de Augusto e garantir a lealdade das províncias. A era de prosperidade e estabilidade política iniciada por Augusto ficou conhecida como *Pax Romana*, ou seja, a paz romana. Essa época de relativa tranquilidade e expansão durou aproximadamente 200 anos e terminou com a morte de Marco Aurélio em 180 d.C.

Augusto faleceu em 14 d.C., aos 75 anos de idade, e indicou o seu enteado, Tibério, como o seu sucessor.

O governo de Tibério fica marcado por um engrandecimento evidente da figura e culto do imperador e de um aumento do carácter materialista da sociedade romana, embora tenha possibilitado de igual modo um melhoramento significativo do serviço público, um equilíbrio nas finanças estatais, e um controlo e disciplina nos exércitos. Em 26 d.C., abandona a cidade de Roma, estabelecendo-se na Campânia, fixando-se no ano seguinte na Ilha de Capri, onde viria a falecer.

Foi durante o reinado de Tibério que, na província romana da Judeia, Jesus Cristo foi crucificado.